O falso “Allan Kardec”, a FEB e a unificação sob Ismael

Sob o título de “INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL”, no livro “A Prece Segundo o Evangelho”, encontramos uma comunicação de um Espírito que se apresenta, no grupo Sayão, grupo roustainguista que tomou a FEB e desviou o Movimento Espírita Brasileiro, sob o nome de Allan Kardec. Analisemos essa comunicação, fazendo observações e proposições de perguntas que poderiam ter colocado esse Espírito mistificador em seu lugar:

> *INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL*
>
> *I — EXORTAÇÃO AO ESTUDO, À CARIDADE E À UNIFICAÇÃO*
>
> *Paz e amor convosco.*
> *Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da fraternidade, estudar essa doutrina de paz e de amor, de justiça e de esperanças, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura — o gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas humildes.*
>
> *Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, devo pedir a todos vós que me ouvis — a todos vós espíritas a quem falo neste momento — que me perdoeis se porventura, na externação dos meus pensamentos, encontrardes alguma coisa que vos magoe, algum espinho que vos vá ferir a sensibilidade do coração.*
>
> *O cumprimento do dever nos impõe usemos de linguagem franca, rude mesmo. Por isso que cada um de nós tem uma responsabilidade individual e coletiva e, para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos, muitas vezes, com a pobreza da nossa inteligência, que não nos permite dizer aquilo que sentimos sem magoar, não raro, corações amigos, para os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.*
>
> *Certo de que ouvireis a minha súplica; certo de que, falando aos espíritas, falo a uma agremiação de homens cheios de benevolência, encetei o meu pequeno trabalho, cujo único fim é desobrigar-me de graves compromissos que tomei para com o nosso Criador e Pai!*

> *Sempre compassivo e bom, volvendo os piedosos olhos à Humanidade escrava dos erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade as palavras do Cristo, e manda o Consolador — o Espírito de Verdade — que abertamente fale da* ***revelação messiânica*** *a essa mesma Humanidade esquecida dAquele que foi levado pelas ruas da amargura, sob o peso das iniqüidades e das ingratidões dos homens!*

A forma de falar de Jesus é inteiramente devocional, emocional, sem qualquer traço do cuidado terminológico kardeciano. Kardec distingue constantemente o Cristo-homem histórico da função de "modelo e guia", analisa o ensino moral, evita esse tipo de pintura dramática e sentimental como argumento. Aqui, Jesus é usado como gatilho afetivo para legitimar o discurso que vem em seguida.

O Espíritismo NUNCA foi algo messiânico, posto que é uma ciência, construída pela metodologia sempre exposta por Kardec, com a colaboração de milhares de pessoas, espalhadas por toda parte. Messiânica era como ser vista a tarefa **misticista** de Jean-Baptiste Roustaing. Diz Kardec, em "O Espiritismo em sua mais simples expressão":

"A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, **a terceira não a tem em indivíduo algum**. As duas primeiras foram individuais, **a terceira coletiva**; aí está um **caráter essencial de grande importância**. **Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma: ninguém, por conseqüência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo**; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: "Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos". (Atos, 2:17 e 18.) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação".

Algumas perguntas que poderiam ter colocado esse Espírito em seu devido lugar:

1. **Onde Kardec classificou o Espiritismo como "revelação messiânica"?**
2. **Como conciliar "revelação messiânica" com a declaração explícita**

de Kardec de que a terceira revelação não tem missionário único e é coletiva?

3. **De onde você extraiu autorização para alterar a natureza da revelação, se o controle universal exige concordância entre múltiplas fontes independentes?**
4. **Você pretende substituir a revelação coletiva por uma revelação centralizada em você, Ismael ou Roustaing?**

> *Corridos os séculos, desenvolvido intelectualmente o espírito humano, Deus, na sua sabedoria, achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho — precioso livro de verdades divinas — até então ensombrado pela letra, devido à deficiência da percepção humana para compreendê-lo em espírito.*
>
> *Por toda a parte se fez luz; revelou-se à Humanidade o Consolador prometido, recebendo os povos — de acordo com o seu preparo moral e intelectual — missões importantes, tendentes a acelerar a marcha triunfante da Boa-Nova!*
>
> *Todos foram chamados: a nenhum recesso da Terra deixou de apresentar-se o Consolador em nome desse Deus de misericórdia, que não quer a morte do pecador — nem o extermínio dos ingratos — e sim os deseja ver remidos dos desvarios da carne, da obcecação dos instintos.*
>
> *Sendo assim, a esse pedaço de terra, a que chamais Brasil, foi dada também a* ***Revelação da Revelação****, firmando os vossos Espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.*

Aqui há uma referência direta e inequívoca aos Evangelhos de Roustaing, e não à ciência espírita: "*Os Espíritos do Senhor vêm trazer aos homens a nova revelação, a que podeis chamar, como já vos dissemos, "revelação da revelação", e, por meio dela, clarear e desenvolver as inteligências, purificar os corações no crisol da ciência, da caridade e do amor.*" (Roustaing, OQE)

Há outro desvio doutrinário aqui: a ideia de uma **missão nacional privilegiada**

("esse pedaço de terra… foi dada também a Revelação da Revelação", encarnando "compromissos" especiais). Kardec admite que povos podem ter missões históricas, mas sempre com muita prudência, sem investir nenhum país com papel sagrado. O uso de "Revelação da Revelação" + Brasil é a matriz ideológica de todo o mito posteriormente reforçado em *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. É um espiritualismo nacionalista que não tem base na metodologia kardeciana, mas é funcional para construir um centro de poder religioso no Brasil.

Perguntas para recolocar o Espírito em seu lugar:

1. **Mostre onde Kardec atribuiu a qualquer país uma missão religiosa exclusiva.**
2. **Se a revelação é universal, como pode ter "segunda camada" ("da revelação") reservada a uma única nação?**
3. **Você está afirmando que o Brasil tem privilégio espiritual? Com base em qual lei universal?**
4. **Que comparação metódica (controle universal) valida essa sua afirmação? Quais médiuns independentes confirmam isso?**

> *Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana, levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela — Deus, Cristo e Caridade. Forte pela dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações, procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força dos leões e a mansidão dos pombos; onde, unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniqüidades humanas; onde, enlaçados num único sentimento — o do amor — pudessem adorar o Pai em Espírito e Verdade; onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual viessem quebrar-se todas as armas dos inimigos da Luz; onde, finalmente, se pudesse formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a Humanidade inteira!*

A unidade, em Kardec, é **doutrinária e metodológica**, nunca **orgânica e institucional** sob um centro único. Ele recusa explicitamente a ideia de "papa

espírita” e de direção centralizada. O discurso aqui é outro: todos devem convergir para **um agrupamento único**, sob a bandeira de Ismael. É a proposta de unificação pela submissão a um polo “sagrado”, exatamente o caminho que Kardec rejeita:

“Vale mais, portanto, haver em uma cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, em que nenhum se arrogue a supremacia sobre os outros, do que uma única sociedade que a todos reunisse. Esse fracionamento em nada pode prejudicar a unidade dos princípios, desde que a bandeira é uma só e que todos se dirigem para um mesmo fim” – Kardec, VE

1. **Por que você descreve a ação espiritual em termos de guerra maniqueísta, se Kardec explica essas influências de modo natural e racional?**
2. **Em qual obra de Kardec há referência a uma união organizada dos “maus Espíritos pelo amor do mal”?**
3. **Que finalidade doutrinária teria essa linguagem dramática, ausente do estilo sóbrio adotado por Kardec?**

Constituiu-se esse agrupamento; a voz de Ismael foi sentida nos corações. Mas, à semelhança das sementes lançadas no pedregulho, elas não encontram terra boa para as suas raízes, e quando aquele anjo bom — aquele Enviado de Deus — julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo na sua grande tarefa, santa e boa, as sementes foram mirrando ao fogo das paixões, foram-se encravando na rocha, apesar de o orvalho da misericórdia divina as banhar constantemente para sua vivificação.

Ali, onde a humildade devera ter erguido tenda, o orgulho levantou o seu reduto; ali, onde o amor devia alçar-se, sublime e esplêndido, até junto do Cristo, a indiferença cavou sulcos, à justiça se chamou injustiça, à fraternidade — dissensão!

Mas, pela ingratidão de uns, haveria de sacrificar-se a gratidão e a boa-vontade de outros?

Pelo orgulho dos que já se arvoraram em mestres na sua ignorância, havia de

> *sacrificar-se a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!*
>
> *Assim, quando os inimigos da Luz — quando o **espírito das trevas** julgava esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da **trindade divina**; quando a voz iníqua já reboava no Espaço, glorificando o **reino das trevas** e amaldiçoando o nome do Mártir do Calvário, ele recolheu o seu estandarte e fez que se levantasse pequena tenda de combate com o nome — Fraternidade!*

Uma linguagem fortemente misticista e até esotérica, coroada de ideias contrárias ao Espiritismo, com fortes concepções religiosas, contrárias àquilo que se mostra em O Céu e o Inferno (Editora Mundo Maior – edição não adulterada).

Aqui se monta uma narrativa típica de grupo sectário:

1. Há um **projeto divino** (bandeira de Ismael).
2. Ele "quase" fracassa por culpa dos homens.
3. Os "inimigos da Luz" se regozijam.
4. Deus/Ismael intervém e funda um novo "núcleo eleito" (a tal Fraternidade).

O efeito psicológico é claro: legitimar uma instituição concreta (grupo "Fraternidade") como **único guardião fiel do plano divino**, o "resto fiel" cercado de trevas em torno. Isso é totalmente estranho ao modo como Kardec lida com sociedades e grupos: ele sempre relativiza, adverte contra a fascinação local, e submete qualquer grupo ao crivo do conjunto dos Espíritos e da razão, nunca o sacraliza.

> *Era este, com certeza, o ponto para o qual deviam convergir todas as forças dispersas — todos os que não recebiam a semente do pedregulho.*
>
> *Certos de que acaso é palavra sem sentido, e testemunhas dos fatos que determinaram o levantamento dessa tenda, todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agruparem — ouvir a **palavra sagrada** do bom Guia Ismael — **único que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta e único que tem a responsabilidade da sua marcha e desenvolvimento**.*

Diversas concepções contrárias ao Espiritismo. Não há palavra sagrada, no que tange aos Espíritos, não importa o nome pelo qual ele se apresente: há ideias e concepções que devem ser analisadas à luz da razão. Ismael é um Espírito mistificador – talvez o próprio, que escreve essa mensagem – e dos mais inteligentes (e, por isso mesmo, dos mais perigosos aos desavisados). Note a palavra "único" (que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta e que tem a responsabilidade da sua marcha e desenvolvimento), que é tão absurdamente falsa, já que os Espíritos não agem sozinhos, muito menos aqueles que incitam a humanidade ao bem. Essa ideia é apenas mais uma forma de manter os crentes em sua palavra na fascinação obsessiva.

Do ponto de vista espírita kardeciano, esse parágrafo é um **sinal vermelho de fascinação**:

- "Palavra sagrada" de um Espírito;
- Esse Espírito é "único" diretor da propaganda e da marcha da doutrina numa região inteira.

Kardec insiste em que:

- **nenhum Espírito** deve ser aceito cegamente;
- a verdade resulta do **concurso de muitos Espíritos, médiuns e centros independentes**, confrontados pela razão;
- qualquer Espírito que se arrogue **privilégio, exclusividade, missão absoluta, autoridade incontestável** deve ser imediatamente posto em suspeita (isso está ligado às descrições de mistificação e fascinação em *O Livro dos Médiuns*).

Aqui o texto pede exatamente o contrário: renúncia crítica em favor da "palavra sagrada" de um "único guia".

Perguntas que teriam recolocado o Espírito em seu devido lugar:

1. **Por que você solicita submissão a um agrupamento específico, se Kardec afirma que as sociedades espíritas são livres e autônomas?**
2. **Que fundamento da Codificação permite transformar uma**

sociedade particular em eixo obrigatório da Doutrina?

3. **Como justificar uma centralização institucional, se Kardec rejeita qualquer forma de supremacia orgânica?**

Mas, infelizmente, meus amigos, não pudestes compreender ainda a grande significação da palavra — Fraternidade!

Não é um termo, é um fato; não é uma palavra vazia, é um sentimento, sem o qual vos achareis sempre fracos para essa luta que vós mesmos não podeis medir, tal a sua extraordinária grandeza!

Ismael tem o seu Templo, e sobre ele a sua bandeira — Deus, Cristo e Caridade! Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos — todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram por verdadeira: e chama-se Fraternidade!

Mais um ponto anti-espírita (no sentido kardeciano):

1. Não existe, em Kardec, a ideia de **“Templo de um Espírito”**. Os “templos” que ele admite são, no máximo, os da consciência e da prática moral. A instituição espírita, para ele, é **escola, laboratório, grupo de estudo**, não santuário consagrado a um Guia.
2. A tríade “Deus, Cristo e Caridade” em bandeira de templo lembra lema confessional, não conceito doutrinário. Em Kardec, caridade é consequência natural da compreensão da lei de justiça, amor e caridade; aqui vira um slogan de bandeira de seita.

Pergunto-vos: Pertenceis à Fraternidade? Trabalhais para o levantamento desse Templo cujo lema é: Deus, Cristo e Caridade?

Como, e de que modo?

Meus amigos! É possível que eu seja injusto para convosco naquilo que vou dizer: o vosso trabalho, feito todo de acordo — não com a Doutrina — mas com o que interessa exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a

> *doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilacerem vossas almas, dores pungentes aos vossos Espíritos, por isso que, desvirtuando os princípios em que ela assenta, dais entrada constante e funesta àquele que, encontrando-vos desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará com todo o peso da sua iniqüidade.*

Chega a ser cômico, tamanho o nível de hipocrisia desse Espírito. Se essas palavras fossem aplicadas a todos esses que não estudam a Doutrina Espírita onde ela realmente existe – nas obras de Kardec – elas seriam absolutamente justas… Mas esse Espírito conhece bem o terreno onde pisa, o que faz com que a ideia central seja convertida no sentido contrário, enquanto ele fala de si mesmo.

> *Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivésseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos generais, cada qual com o seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes? Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota, porquanto — vede bem —, o que não podeis fazer com o Evangelho: unir-vos pelo amor do bem, fazem os vossos inimigos, unindo-se pelo amor do mal!*
>
> *Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a Doutrina Espírita — **Revelação da Revelação** — que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!*

Nova referência **ridícula** à obra de Roustaing. O padrão aqui é de **vitimização milenarista**: a doutrina (na verdade, a leitura roustainguista sob Ismael) é "Revelação da Revelação" perseguida por "inimigos da Luz" que se unem "pelo amor do mal". Esse tipo de dicotomia maniqueísta é estranho a Kardec, que tem uma visão bem mais graduada dos Espíritos e dos homens. Ele não fala de "inimigos do Espiritismo" organizados numa frente única maligna; fala de ignorância, interesses, más influências, mas sempre recomendando calma, paciência, discernimento — nunca esse clima de guerra cósmica em torno de um templo específico.

> *A luta cresce dia a dia, pois que a vontade de Deus, iniciando as suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais se torna patente. Encontrando-se, porém, os vossos Espíritos em face da Doutrina, no estado*

precário que acabo de assinalar, pergunto: — Com que elemento contam eles, os vossos Espíritos, na temerosa ação em que se vão empenhar, cheios de responsabilidade?

Em que canto da Terra já se ergue o grande tabernáculo onde ireis elevar os vossos pensamentos; em que canto da Terra construístes a grande muralha contra a qual se hão de quebrar as armas dos vossos adversários?

Será possível que, à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, todo o cuidado da vossa paz tenhais perdido? Que conteis com as outras, que não dormem e que ansiosamente aguardam a vinda do seu Senhor?

Mas, se é assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas a fim de tornar uma verdade a vossa vigilância e uma santidade a vossa oração?

Se assim é, onde os frutos desse labor fecundo de todos os dias, dos vossos amigos de além-túmulo?

Acaso apodreceram roídos pela traça — tocados pelo bolor os vossos arquivos repletos de comunicações?

Onde, torno a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se, tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multiplicais ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituísseis um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação?

Mas, onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a Doutrina e seu desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando já, desse modo, um péssimo exemplo aos profanos, por isso que pregais a fraternidade e vos dividis cheios de dissensões?

Onde as vantagens de tal proceder? Estarão na diversidade dos nomes que dais aos grupos? Por que isso? Será porque este ou aquele haja recebido maior doação do patrimônio divino? Será porque convenha à propaganda que fazeis?

Aqui, ele está apenas preparando o caminho, com ideias torpes, para, logo mais, vir com a solução para a “divisão”.

Mas, para a propaganda, precisamos dos elementos construtivos dela. Pergunto: — onde a escola dos médiuns? Existe?

Porventura os homens que têm a boa-vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seus Espíritos para o ressurgir da outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados — os médiuns perfeitamente compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheios dessa seriedade, que dá uma idéia da grandeza da nossa Doutrina?

Ou a vossa propaganda se limita tão-somente a falar do Espiritismo? Ou os vossos deveres e as vossas responsabilidades individuais e coletivas se limitam a dar a nota do ridículo àqueles que vos observam julgando-vos doidos e visionários?

Meus amigos! Sei quanto é doloroso tudo isto que vos digo, pois que cada um dos meus pensamentos é uma dor que atinge profundamente o meu Espírito. Sei que as vossas consciências sentem perfeitamente todo o peso das verdades que vos exponho. Mas, eu vos disse ao começar: — temos responsabilidades e compromissos tomados, dos quais procuramos desobrigar-nos por todos os meios ao nosso alcance!

Se completa não está a minha missão na Terra; se mereço ainda do Senhor a graça de vir esclarecer a doutrina que aí me foi revelada, dando-vos novos conhecimentos compatíveis com o desenvolvimento das vossas inteligências; se vejo que cada dia que passa da vossa existência — iluminada pela sublime luz da revelação, sem produzirdes um trabalho à altura da graça que vos foi concedida — é um motivo de escândalo para as vossas próprias consciências; devo usar desta linguagem rude de amigo, a fim de que possais, compenetrados verdadeiramente dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos num grande agrupamento fraterno, onde — avigorados pelo apoio mútuo e pela proteção dos bons — possais enfrentar o trabalho extraordinário que vos cumpre realizar para emancipação dos vossos Espíritos, trabalho que inegavelmente ocasionará grande revolução na Humanidade, não só quanto à parte da Ciência e da Religião, mas também na dos costumes!

Uma vez por todas vos digo, meus amigos: — Os vossos trabalhos, os vossos labores não podem ficar no estreito limite da boa-vontade e da propaganda, sem os meios elementares indicados pela mais simples razão.

> *Não vem absolutamente ao caso o reportar-vos às palavras de Jesus-Cristo quando disse que — a luz não se fez para ser colocada debaixo do alqueire. Não vem ao caso e não tem aplicação, porque não possuis luz própria!*
>
> *Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminai todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael, templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade. Então, sim; distribuí a luz, ela vos pertence!*

A frase diz, na prática:

- Você só tem "luz" legítima se se **disciplinar dentro do Templo de Ismael**.
- Fora dele, seu trabalho "causa embriaguez à vista", dá frutos "amargos", etc.

É um mecanismo de **controle**: desloca-se o critério de autenticidade da doutrina (razão, universalidade, método) para o critério de **pertencer ao templo "certo"**. Isso é a negação do princípio da universalidade da revelação espírita.

> *E vos pertence, porque é um produto sagrado do vosso próprio esforço, uma brilhante conquista do vosso Espírito — empenhado nas lutas sublimes da Verdade.*
>
> *Fora desses termos, podeis produzir trabalhos que causem embriaguez à vista, mas nunca que falem sinceramente ao coração. Podeis produzir emoções fortes, por isso que muitos são os que gostosamente se entregam ao culto do maravilhoso; nunca, porém, deixarão as impressões suaves da Verdade vibrando as cordas do amor divino no grande coração humano.*
>
> *Fora dessa convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos, mas é bem possível que também seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrário do que devia acontecer, a morte moral do vosso Espírito — a destruição, pela base, do vosso Templo de trabalho!*
>
> *Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos espíritos um broquel, quem*

vos poderá socorrer, uma vez que a Revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos livros profanos, que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

Kardec realmente fala da transição da Terra de mundo de expiação para mundo de regeneração e da migração de Espíritos refratários para mundos menos adiantados. Mas:

1. Ele evita **todo tom apocalíptico** de "revolução planetária iminente" para assustar.
2. Ele não **amarra** esse processo a nenhum "templo", nem a um "movimento" dirigido por um Espírito particular.
3. Ele insiste em que tudo se faz por leis gerais, sem milagre, sem privilégio, sem clero.

Aqui, a mesma ideia geral (transição, migração) é apropriada como **recurso retórico de urgência** a serviço do templo de Ismael: se você não se alinhar com a Fraternidade, com esse "trabalho extraordinário", corre risco de estar entre os "transmigrados".

Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se, à lâmpada do vosso Espírito, faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada do Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos?

Se fostes chamados às bodas do filho do vosso Rei, por que não tomam os vossos Espíritos as roupagens dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade pelo consórcio do Cristo com o seu povo?

Se tudo está preparado, se só faltam os convivas, por que cedeis o vosso lugar aos coxos e estropiados que, últimos, virão a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina?

A parábola evangélica é usada de modo **exclusivista e invertido**: quem não entrar na "tenda" perde o lugar; os "coxos e estropiados" (os de fora) é que o ocuparão. O subtexto é: **não percam o privilégio** de estar no grupo "certo" (Fraternidade sob Ismael). Em Kardec, a mesma parábola serve para mostrar que os "primeiros" (privilégiados, instruídos, ortodoxos) podem ser os últimos, mas sempre num sentido moral, nunca institucional ("entrar no templo de tal guia").

> *Esses pontos do Evangelho de Jesus-Cristo, apesar da Revelação, ainda não provocaram a vossa meditação?*
>
> *Esse eco que reboa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — Os tempos são chegados! — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos espíritos?*
>
> *Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituíssemos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina?*
>
> *Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens sob o aspecto de homens cheios de ambições, que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gozo da carne e satisfação das paixões do mundo?*
>
> *Mas seria simplesmente uma obcecação do Espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar, no reino de Deus, coberto dessas paixões e dessas misérias humanas!*
>
> *Isso eqüivaleria não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis crer; seria zombar do vosso Criador que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões!*
>
> *Meus amigos! Sem caridade não há salvação — sem fraternidade não pode haver união.*
>
> *Uni-vos, pois, pela fraternidade, **debaixo das vistas do bom Ismael**, vosso Guia e Protetor. Salvai-vos pela Caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto, àqueles que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar*

em vós o indivíduo bem-intencionado e verdadeiramente cristão.

A frase condensa o núcleo ideológico do texto:

1. A união não é apenas em torno de princípios (como Kardec propõe), mas "**debaixo das vistas**" de um Guia, com G maiúsculo.
2. Esse Guia é "vosso", nacional/regional.
3. A figura do **"Protetor"** é centralizada e personalista.

Kardec aceita a ideia de Espíritos protetores individuais e coletivos, mas **nunca** os transforma em **autoridade normativa** sobre a doutrina. A proteção é íntima, moral, silenciosa; não se traduz em revelações exclusivas, bandeiras, templos com nome do Espírito, nem em monopólio de direção.

Perguntas:

1. **Por que você coloca um Espírito — Ismael — acima da metodologia da Codificação, se Kardec nunca atribuiu autoridade diretora a um Espírito isolado?**
2. **Que justificativa doutrinária legitima subordinação espiritual a um Espírito específico?**
3. **Se Kardec defende independência crítica, como explicar essa ordem de submissão?**

Sobre a propaganda que procurais fazer, exclusivamente para chamar ao vosso seio maior número de adeptos, direi — se os meios mais fáceis que tendes encontrado são a cura dos vossos irmãos obsessos, são as visitas domiciliárias e a expansão dos fluidos — ai tendes um modesto trabalho para vossa meditação e estudo.

E, lendo, compreendendo, chamai-me todas as vezes que for do vosso agrado ouvir a minha palavra e eu virei esclarecer os pontos que achardes duvidosos — virei, em novos termos, se preciso for, mostrar-vos que esse lado que vos parece fácil para a propaganda da Doutrina — é o maior escolho lançado no vosso caminho — é a pedra colocada às rodas do vosso carro triunfante — será,

> *finalmente, o motivo da vossa queda desastrosa, se não souberdes guiar-vos com o critério exigível de quantos se empenham numa tão grande causa.*

Fechamento típico de Espírito que se propõe como **oráculo permanente**. Em termos de crítica espírita:

- Cria-se dependência psicológica do médium/grupo em relação a esse comunicante.
- Desestimula-se o **controle universal** (confrontar comunicações, procurar outras fontes independentes) porque "ele" está sempre disponível para esclarecer.

No método kardeciano, um Espírito sério:

- estimula a dúvida metódica;
- convida ao exame racional e à comparação;
- evita se colocar como fonte única de esclarecimento.

Aqui ocorre o oposto.

> *Permita Deus que os espíritas a quem falo, que os homens a quem foi dada a graça de conhecer em espírito e verdade a Doutrina do Cristo, tenham a boa-vontade de me compreender — a boa-vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro.*
>
> *Allan Kardec*

O texto inteiro desloca o Espiritismo de **ciência filosófico-moral de revelação coletiva** para um **sistema religioso messiânico** centrado em:

- um Guia nacional nomeado (Ismael),
- um templo/bandeira/lema específicos,
- um grupo institucional ("Fraternidade") apresentado como núcleo eleito.

Vários trechos configuram exatamente aquilo que Kardec descreve como sinais de

mistificação e fascinação: Espírito que se declara único, que reclama obediência, que sacraliza a própria palavra, que se coloca no centro da revelação numa região do planeta.

Pontos parcialmente verdadeiros (necessidade de estudo, disciplina, seriedade mediúnica, perigo da dispersão) são usados como **gancho** para legitimar a solução sectária: a centralização sob Ismael e sob a "Fraternidade".

A retórica é fortemente religiosa, emocional, com traços milenaristas, em contraste com o estilo racional, analítico e metódico de Kardec. Mesmo quando toca temas caros ao Espiritismo (transição planetária, migração de Espíritos, importância do Evangelho), o faz dentro de um molde **confessional**, não **científico-filosófico**.

O Livro em questão – A Prece Segundo o Evangelho, atribuído ao Espírito de Allan Kardec – termina assim:

> ***A Casa de Ismael***
> *A Federação Espírita Brasileira é uma sociedade civil **religiosa**, educacional, cultural e filantrópica, dotada de personalidade jurídica e reconhecida como de Utilidade Pública Federal, Estadual (RJ) e no Distrito Federal (DF), conforme os seguintes decretos: nº 47.695/1960, nº 4.765/1934 e nº 7.399/1983, respectivamente.*
>
> *Tem por objeto e fins:*
> *– o estudo teórico e prático do Espiritismo;*
> *– a observância e a difusão de seus ensinos;*
> *– a prática da caridade espiritual, moral e material;*
> *– e, por fim, a integração das Sociedades Espíritas do Brasil em seu organismo.*
>
> *Compete ao seu Conselho Federativo Nacional desenvolver, ampliar e coordenar os planos da Organização Federativa, visando alcançar completa harmonia de pensamento, bem como unidade de programa e de ação.*

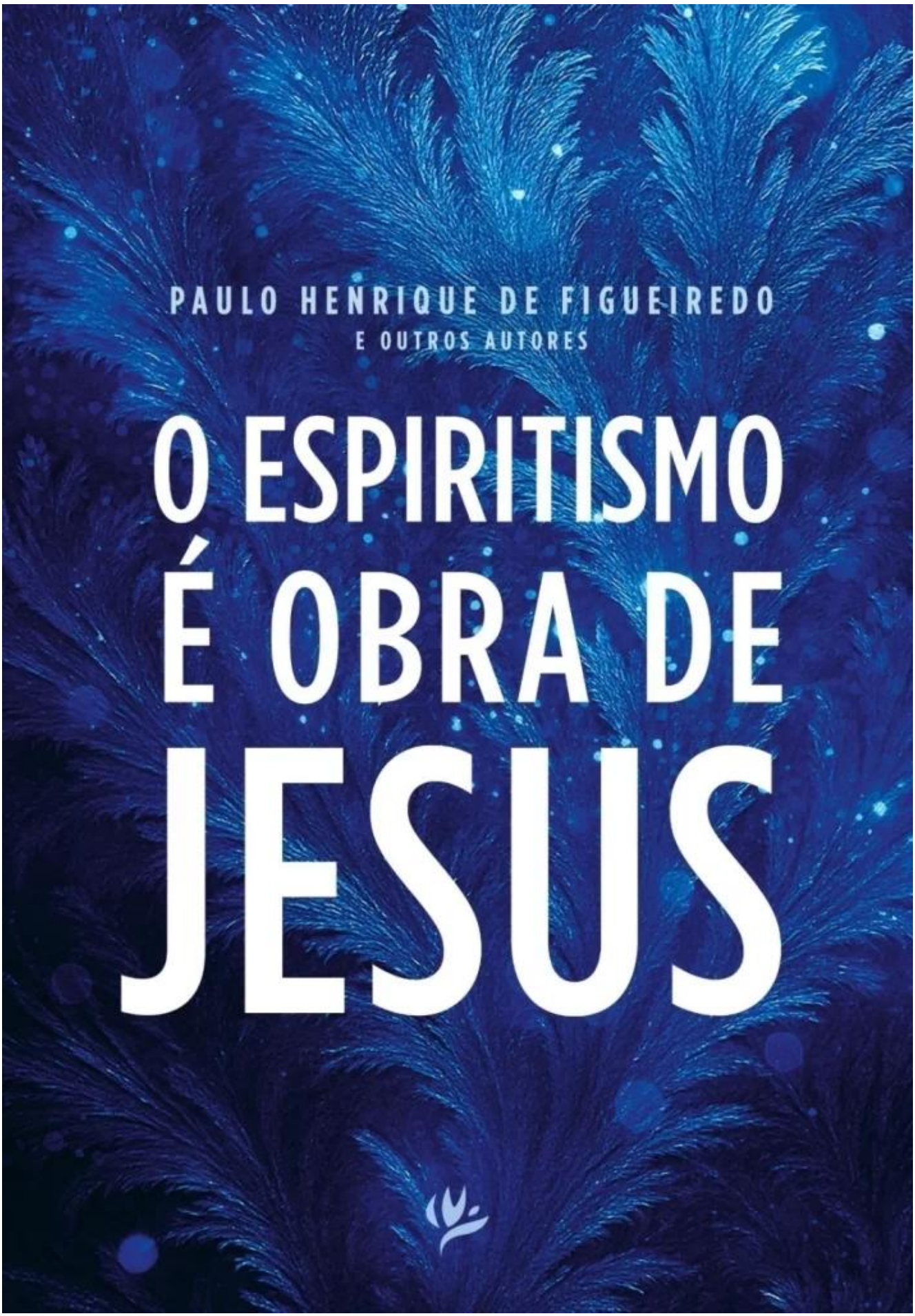
A Federação [que não é] Espírita Brasileira, de maneira incrivelmente hipócrita, ainda hoje ostenta, com orgulho, o título de "Casa de Ismael". Realmente, esse Espírito mistificador fez casa nesse "Vaticano" do Movimento [que não é] Espírita Brasileiro. Declara-se como sociedade civil religiosa, provocando desvio de

finalidade do Espiritismo e, com muita hipocrisia, diz observar a difusão de seus ensinos, enquanto, na prática, passou os últimos **130 anos** contrariando-os paulatinamente. O motivo do presente artigo, aliás, se deu por conta da publicação recente de um vídeo na conta da FEB Editora, divulgando a falsa ideia de que essa comunicação acima analisada seria de Kardec, incitando à unificação, projeto perseguido pelo Vaticano Espiritualista Brasileiro (vulgo FEB) desde 1890, aproximadamente (como já demonstramos no artigo sobre os desvios da FEB).

Cabe a **todos** os Espíritas verdadeiros defenderem a verdade sobre o Espiritismo e demonstrarem a **todos** esses desvios – a tentativa de substituir o Consolador Prometido por uma versão religiosa, dogmática, ridícula e antidoutrinária!

O Espiritismo é obra de Jesus

Há tempos vinha aguardando essa obra, sem saber ao certo o que esperar. Ante a notícia de que os autores voltaram a Espíritos como André Luiz e Emmanuel, muitos se contorceram internamente e previamente julgaram a obra que ainda não conheciam.



Tendo terminado de lê-la — tarefa que, honestamente, terei que voltar a fazer,

com ainda mais atenção — preciso dizer que ela só pode refletir a elevação do título que leva. Longe de ser uma afronta à razão, é produto de inteligência e inspiração. Resgata a metodologia espírita, demonstra o verdadeiro papel de Kardec, hoje esquecido e desvalorizado pelos próprios espíritas, e torna-se ponte para esse Movimento Espírita ora instalado, para a retomada do verdadeiro Espiritismo. Sem ferir suscetibilidades, a obra demonstra, de maneira excelente, que não estivemos abandonados e que, voltando a Kardec, facilmente separaremos, com firmeza, o que é aproveitável do que não é — como os próprios autores o fizeram. **Longe de render perseguição ou criticismo, creio que devemos estimular a leitura dessa obra, respeitando o tempo e a liberdade de cada um que a ler**. Novamente: creio que ela deve ser vista como ponte segura para a terra firme da verdade doutrinária.

Não consigo ir muito além disso, pois penso que a importância da obra requer a leitura dedicada de todos que se importem com a temática espírita. O título da obra e o fato da demonstração que há, sim, em André Luiz e Emmanuel, muito o que se aproveitar, há de chamar a atenção de muitos. A obra também traz muitos ensinamentos e muita reflexão, chegando a ser, ao menos para mim, intensamente emocionante.

Termino agradecendo ao esforço e ao empenho, cujo pagamento inexiste, senão o da felicidade de fazer o bem, a Paulo Henrique de Figueiredo e todos os demais envolvidos nesse trabalho. Graças a Deus, os tempos do restabelecimento são chegados, onde cada um de nós poderá encontrar grata compensação na tarefa da recolocação dos tijolos do edifício que vem sendo construído **há mais de dois mil anos**, por Espíritos consagrados ao bem. Graças a Deus!

Caso você queira comprar pelo link seguinte, apoiará também o nosso esforço: https://amzn.to/49QFaxs

---

Comunicação Espiritual,

Autoridade Eclesiástica e Contradição Doutrinária: uma leitura crítica do “Manuscrito do Purgatório”

A obra conhecida como **“Manuscrito do Purgatório”** ocupa um lugar particular dentro da literatura católica de natureza mística. Sua narrativa descreve um intercâmbio contínuo entre a religiosa **Irmã M. d. I. C.** e o espírito da falecida **Irmã M. G.**, cuja voz, segundo o relato, instrui, admoesta, esclarece e comenta sua própria condição no estado pós-morte, ao longo de anos. O texto, ao ser avaliado e declarado livre de erro doutrinário por teólogos e autoridades eclesiásticas, adquire valor espiritual e disciplinar interno.

Esse reconhecimento institucional, no entanto, expõe um dilema teológico e disciplinar. A **doutrina católica oficial nega a possibilidade de comunicação espontânea e habitual entre vivos e mortos**, permitindo-a apenas sob o regime de um milagre excepcional e com finalidades estritamente delimitadas. Em termos catequéticos, trata-se de um **evento extraordinário, não de uma lei natural**, e qualquer tentativa humana de evocação direta deve ser rejeitada, associando-a tradicionalmente à superstição ou ao demônio.

Entretanto, o conteúdo narrativo do livro contradiz essa formulação. Não há fenomenologia episódica. Há continuidade, instrução progressiva, detalhamento do estado espiritual da comunicante, e regularidade temporal. Em resumo, **há mediunidade**, independentemente da nomenclatura devocional aplicada. Logo, a obra apresenta uma tensão irreconciliável entre **a formulação dogmática declarada e a prática espiritual descrita**.

A estratégia de exceção permanente

Para resolver esse conflito, a obra mobiliza um expediente retórico: qualifica o fenômeno como um “privilégio”, uma “visita permitida por Deus”, e portanto **não como comunicação mediúnica natural**, mas como “graça mística singular”. Esse deslocamento semântico não altera a natureza do fenômeno; apenas o

protege institucionalmente.

Trata-se do mesmo mecanismo histórico utilizado para justificar as experiências visionárias de místicos católicos — seja Catarina de Siena, Teresa d'Ávila ou o Cura d'Ars —: quando ocorre sob tutela eclesiástica, **o diálogo com o além é "milagre"**; quando ocorre fora dela, **é "ilusão", "heresias", "espiritismo" ou "ação demoníaca"**. O critério não é ontológico nem moral — é **jurisdicional**.

A lei natural versus o privilégio teológico

O contraste com a perspectiva metodológica espírita é instrutivo. Allan Kardec não define o fenômeno como concessão mística, mas como lei da natureza espiritual: **os espíritos comunicam porque vivem, pensam, lembram e habitam outra dimensão da realidade, e não por serem invocados em regime de exceção milagrosa**. A abordagem kardeciana exige:

- observação sistemática
- crítica e comparação das mensagens
- universalidade do ensino
- controle de mistificação
- ausência de autoridade pessoal como critério de verdade

Já o manuscrito católico recorre ao critério inverso: **autoridade eclesial = legitimidade; ausência de autoridade eclesial = suspeição demoníaca**. Não há metodologia; há **ratificação hierárquica**. O fenômeno é idêntico — apenas a estrutura de validação difere.

A contradição interna irreversível

Se, conforme o dogma, a comunicação espiritual verdadeira é raríssima e sempre extraordinária, como justificar **uma comunicação registrada ao longo de mais de uma década**, com frequência regular e detalhamento progressivo? Uma exceção com permanência temporal deixa de ser exceção e assume a forma de **norma empírica**. O manuscrito, portanto, **não confirma o dogma católico — ele o viola pela prática**.

O texto pretende defender a ortodoxia; porém, ao documentar com naturalidade

um processo de intercâmbio espiritual, revela inadvertidamente **a insuficiência da proibição e a artificialidade do "milagre restrito" como mecanismo disciplinar**.

Conclusão

O "Manuscrito do Purgatório" funciona como testemunho involuntário da viabilidade e continuidade do diálogo entre os dois planos da existência — justamente aquilo que a doutrina católica sustenta ser impossível fora de exceções miraculosas. A obra não demonstra a fragilidade do fenômeno espiritual, mas sim a fragilidade do **regime de controle discursivo sobre o fenômeno**. A contradição não reside no fato espiritual — reside **na tentativa institucional de monopolizá-lo**.

O manuscrito, ao invés de negar a mediunidade, a confirma — apenas muda seu nome para preservá-la no terreno da exclusividade clerical. O que se prova, assim, não é a inviabilidade do intercâmbio espirituais, mas o esforço histórico da Igreja para **administrar o acesso ao invisível**, e não para negá-lo em sua essência.

Ciência além do Empirismo: Modelos, Critérios e o Caso do Espiritismo

O Espiritismo, codificado por Allan Kardec no século XIX, desafia a visão tradicional da ciência ao propor uma investigação rigorosa de fenômenos espirituais. Neste artigo, exploramos como os métodos de Kardec se alinham com modelos contemporâneos de ciência, como o empirismo e o método hipotético-dedutivo. Através de uma análise comparativa, discutimos as compatibilidades e limites do Espiritismo em relação à ciência moderna, revelando que a verdadeira divergência reside nas premissas ontológicas. Venha descobrir como o

Espiritismo pode ser visto como um programa de pesquisa inovador e suas implicações para o entendimento da realidade espiritual.

Análise Crítica do Artigo "A Evolução do Espírito": Erros Conceituais, Falhas Metodológicas e Distorções sobre Allan Kardec e o Espiritismo

Introdução

O artigo de Heron Volpi ("A EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO: O "Evolucionismo" de Allan Kardec") assume desde o início que o Espiritismo é "uma religião" sujeita às mesmas críticas que outras crenças tradicionais. Essa premissa ignora a definição kardecista original do Espiritismo como **doutrina de tríplice aspecto** – ciência, filosofia e moral – e já põe em xeque sua argumentação. Volpi sustenta que Allan Kardec foi "reiteradamente racista" e que incorporou o *evolucionismo racial* para agradar à ciência do século XIX. A partir desses pontos, desenvolveremos uma análise crítica estruturada, apontando erros conceituais, falhas metodológicas e contradições nas alegações de Volpi. Usaremos **apenas obras de Kardec** para confrontar as acusações de racismo, mostrando que seus ensinamentos enfatizam igualdade, fraternidade e condenam o preconceito e a escravidão.

Espiritismo como Ciência e Moral (não

mera religião)

Premissa equivocada do autor. Volpi define repetidamente o Espiritismo como "religião espírita" e argumenta que ele "aparece muito mais baseado no discurso do que na ciência empírica". Essa visão despreza declarações de Kardec de que o Espiritismo é **novo campo do conhecimento**. Nas obras fundadoras, Kardec apresenta o Espiritismo como **ciência de observação e doutrina filosófica**, com implicações morais próprias:

- "O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas mesmas relações.".
- Kardec reafirma: "O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens […] a existência e a natureza do mundo espiritual".

Doutrina moral universalista. Além da ciência, Kardec sublinha o caráter **moral e ecumênico** do Espiritismo:

- "O Espiritismo é uma doutrina moral que fortifica os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões. Ele é de todas, e não é de nenhuma em particular. […] Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira".

Esses textos deixam claro que Kardec não via o Espiritismo como uma religião dogmática, mas como um caminho complementar à fé cristã, reforçando a caridade e a liberdade de culto. Portanto, classificar o Espiritismo **"como qualquer outra religião"** constitui um erro conceitual: o autor desconsidera o tríplice aspecto definidor da Doutrina Espírita e ignora as frequentes afirmações kardecistas de que ela se justifica pela razão e pela experiência, não por imposição de fé.

Falhas metodológicas e uso inconsistente

de fontes

O artigo de Volpi se apresenta mais como reflexão pessoal do que pesquisa acadêmica rigorosa. O próprio autor admite ter escrito em **primeira pessoa**, baseando-se em vivências próprias em centros espíritas:

- "Para começar devo esclarecer que eu, pessoalmente, tenho circulação por diversos centros espíritas do Brasil [...] escrevo esse texto tentando compreender os espaços, os quais eu mesmo faço parte".

Essa abordagem indica forte **subjetividade**. Não há metodologia sistemática: ele confessa que sua "pesquisa de fôlego curto" reúne relatos pessoais e falas soltas. Ao mesmo tempo, mistura fontes de natureza variada (blogs, reportagens como as de Chico Alves e CartaCapital, entrevista de UOL) sem critério histórico claro. Não encontramos citações diretas a documentos históricos ou a estudos acadêmicos confiáveis que embasem suas conclusões. Em síntese, **falta-lhe rigor científico**: ele inicia o artigo como etnógrafo amador e transforma-o num ensaio de opinião. Esse procedimento frágil revela-se no próprio texto final: ele reconhece que, por não ser pesquisa longa, deve "ter cuidado com asserções generalistas" – o que, porém, não evita afirmações amplas e contestáveis.

Erros conceituais centrais

- **Visão eurocêntrica e evolucionista mal fundamentada.** Volpi insiste que Kardec "alocou o evolucionismo racial em seu discurso" e tratou o Espiritismo como "para um lugar paratópico" de crença baseada no discurso. Essa interpretação ignora que, nas obras espíritas, idéias de "evolução" referem-se ao progresso moral geral, não a uma hierarquia fixa de raças. Kardec discute como o homem original apareceu em vários pontos do globo, mas enfatiza que tais "variedades não formam espécies diferentes: *todos são da mesma família*". Para ele, as diferenças físicas (cor da pele etc.) resultam de fatores naturais (clima, costumes) e não implicam mérito espiritual. Assim, a noção de *espécie humana* única embasa toda a codificação (cf. perguntas 53 e 54 de *LE*): "Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem

para o mesmo fim". Esses princípios contrariam frontalmente a ideia de "raças superiores" permanentes.

- **Desconsideração do foco moral do Espiritismo.** Kardec faz questão de que o intuito principal da Doutrina é moralizar, não classificar ou excluir pessoas. O ensino do "Não faças aos outros o que não queres para ti" está presente no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* como máxima reguladora da conduta humana. Além disso, ele afirma que o Espiritismo visa **"incutir nos homens o espírito de caridade e de fraternidade"** e assim apagar os resquícios de barbárie social. Esses posicionamentos indicam uma orientação profundamente igualitária, oposta à discriminação. Desse modo, retratar o Espiritismo "como qualquer outra religião" baseada em discurso vazio é um exagero infundado: a doutrina espírita reivindica coerência entre pensamento, experiência e moral, não se limitando à retórica apologética.

Alegações de racismo: teses do autor versus contexto kardecista

Volpi afirma que em "diversas vezes" Kardec foi racista e que seu Espiritismo teria discursos racistas enraizados no *evolucionismo* das ciências do século XIX. De fato, em 1862 Kardec publicou na *Revista Espírita* o artigo *"Frenologia espírita e perfectibilidade da raça negra"*, no qual, reflexo das crenças de sua época, diz que "os negros são, sem dúvida, de uma raça inferior… são verdadeiras crianças". Porém, esse texto, que reflete a ciência da época, foi separado de seu corpus principal e não reflete o ensino axiológico do Espiritismo. Ao contrário, as principais obras codificadas por Kardec contêm **mensagens claras de igualdade**:

- **Igualdade diante das leis divinas:** A resposta espírita à pergunta "Todos os seres humanos são iguais perante Deus?" é enfática: "Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos". Em outras palavras, Deus não criou ninguém com privilégios "naturais", pois *"o corpo do rico se destrói como o do pobre"*. Essa resposta (LE 803) destrói a ideia de qualquer desigualdade essencial.
- **Hermanidade universal:** Kardec questiona se, não tendo todos os

homens surgido de um mesmo “adão”, deveríamos deixar de ser irmãos. A resposta foi: *“Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim”*. Essa afirmação (LE 54) conclui que aparências distintas não quebram os laços fraternos: do ponto de vista moral, a humanidade é uma única família.

- **Condenação da escravidão:** O codificador espírita analisa a escravidão em vários itens (LE 829-832). Ele conclui que **“É contrária à natureza a lei humana que consagra a escravidão”** e que ela desaparecerá com o progresso moral. Critica quem se beneficia dessa prática: *“Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza”*. Ou seja, Kardec considerava moralmente reprovável escravizar o semelhante, mais ainda quando a própria lei da época já começava a ver a liberdade como inalienável.
- **Rejeição da hierarquia racial:** Kardec ironiza a noção de “sangue mais puro” no contexto da escravidão: *“Consideram-se de sangue mais puro os que assim procedem. Insensatos! Nada veem senão a matéria. Mais ou menos puro não é o sangue, porém o Espírito.”*. Aqui ele deixa explícito que a única “pureza” relevante é espiritual, não biológica. Essa afirmação refuta diretamente a ideia de que a cor da pele constitua critério moral ou evolutivo legítimo.
- **Respostas espíritas sobre origem humana:** Em *O Livro dos Espíritos*, Kardec transcreve perguntas às Entidades Superiores sobre a diversidade humana. As respostas atribuem as diferenças de aspecto aos fatores naturais (“clima, vida e costumes”) e afirmam que elas não formam espécies distintas. Os Espíritos confirmam que o homem apareceu em vários lugares e épocas, mas sem significar raças separadas. Isso reforça que, para o pensamento espírita, a multiplicidade de grupos étnicos é só aparência transitória – jamais justificativa de preconceito.

Esses ensinamentos centrais das obras de Kardec são **incoerentes com as acusações de racismo** que Volpi lhe imputa. Mesmo reconhecendo que Kardec refletiu conceitos científicos questionáveis do século XIX (como a frenologia), deve-se sublinhar que sua doutrina oficial exalta a fraternidade universal. Em diversas ocasiões, ele rejeita o preconceito: além dos exemplos citados acima, Kardec afirma repetidamente a máxima evangélica do amor ao próximo. Não encontramos em seus livros qualquer passagem que justifique discriminar alguém

por raça ou cor. Pelo contrário, *“a unidade da raça humana”* é um princípio espírita explícito (LE 54).

Conclusão: análise crítica e suporte acadêmico

Em suma, o artigo de Volpi apresenta graves falhas conceituais e metodológicas. Desconsidera a definição kardecista de Espiritismo como sistema científico-filosófico-moral e restringe-o à categoria de “religião”, ignorando que Kardec visava unificar ciência e fé, não contrariá-las. Sua argumentação sobre racismo em Kardec baseia-se em interpretações pessoais e textos pontuais, mas esbarra em declarações claras de Kardec a favor da **igualdade entre os seres humanos**, na condenação da escravidão e no incentivo à fraternidade universal.

Não há respaldo acadêmico significativo para as teses do autor. Em vez de pesquisas históricas ou análises críticas rigorosas, Volpi utiliza relatos não verificáveis, falas secundárias e reportagens jornalísticas recentes. Seus próprios critérios — circulação pessoal em centros espíritas e relatos subjetivos — não constituem evidência científica. Até o momento, nenhum estudo acadêmico sério confirma as alegações centrais do artigo. Ao contrário, as críticas a Kardec surgem mais em debates midiáticos e iniciativas editoriais antirracistas do que em investigações historiográficas. Portanto, as conclusões de Volpi têm muito mais o caráter de impressão pessoal do que de resultado de estudo acadêmico, o que fragiliza sua credibilidade como análise histórica do Espiritismo.

Referências: Citações extraídas das obras de Allan Kardec e de trecho do artigo de Heron Volpi conforme indicado. Nossa argumentação apoia-se nas respostas dos Espíritos codificadas por Kardec – sobretudo *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Médiuns* – que enfatizam a igualdade espiritual e condenam toda forma de opressão. Essas fontes refutam diretamente as interpretações equivocadas do autor.

UMBRAL, “NOSSO LAR” E OUTRAS IMAGENS: DEMOLIÇÃO SISTEMÁTICA

Tese: as imagens de um plano espiritual materializado — colônias muradas, umbral geográfico, espíritos armados, economia de “bônus-hora”, sopas, casinhas e hospitais — são mitos incompatíveis com os princípios centrais da Doutrina Espírita. Kardec submeteu tais ideias à análise — jamais as consolidou.

1. Colônias espirituais e “Nosso Lar”
Afirmação comum: o além é estruturado em cidades e colônias, com muros, ministérios e residências fixas (como em *Nosso Lar*).
Refutação: a identidade espiritual é moral, não arquitetônica. A forma e o ambiente são criações fluídicas, moldadas pelo pensamento e pela evocação. Espíritos lúcidos descrevem o meio espiritual como estados de consciência, não como cidades edificadas. Conclusão: mito das colônias muradas — derrubado.

2. Umbral como local geográfico de sofrimento
Afirmação comum: o “umbral” é região intermediária, zona densa e purgatorial.
Refutação: o sofrimento decorre da consciência culpada e da fixação mental no erro. Espíritos permanecem ligados aos locais de seus crimes até se renovarem moralmente, não por prisão territorial, mas por afinidade mental. “Umbral” é metáfora para o estado de perturbação pós-desencarne, não espaço físico. Conclusão: mito do umbral geográfico — derrubado.

3. Batalhas espirituais e defesas energéticas
Afirmação comum: Espíritos se protegem de ataques com dardos elétricos, campos de força ou muralhas.
Refutação: Espíritos inferiores não suportam a presença dos superiores. A ação entre planos é moral, não bélica. A simples irradiação do bem dissolve qualquer tentativa de hostilidade. Conclusão: mito das armas espirituais — derrubado.

4. Economia espiritual e “bônus-hora”
Afirmação comum: o bem gera créditos espirituais contabilizáveis.
Refutação: o mérito não é quantificável. O bem é espontâneo, livre, desinteressado. Substituir a moral por contabilidade é corromper o princípio da

liberdade da consciência. Conclusão: mito do “bônus-hora” — derrubado.

5. Espíritos alimentando-se de substâncias sutis
Afirmação comum: Espíritos “tomam sopas” ou “suquinhos” em zonas espirituais.
Refutação: a “fome” espiritual é desejo moral, não necessidade orgânica. Espíritos apegados à matéria projetam ilusões alimentares até libertarem-se. Conclusão: mito da sopinha — derrubado.

6. Necessidade de abrigo físico
Afirmação comum: Espíritos residem em casas, com móveis, camas e utensílios.
Refutação: não há frio, calor nem fadiga corporal. A ideia de habitação física expressa apenas analogia mental. Espíritos vivem em comunidades de afinidade, sem dependência material. Conclusão: mito da casinha — derrubado.

7. Forma corporal e identidade espiritual
Afirmação comum: Espíritos conservam feições e corpos fixos.
Refutação: a forma é produto do pensamento; só se mantém quando evocada ou desejada. O reconhecimento espiritual se dá pela essência, não pela aparência. Conclusão: mito da forma fixa — derrubado.

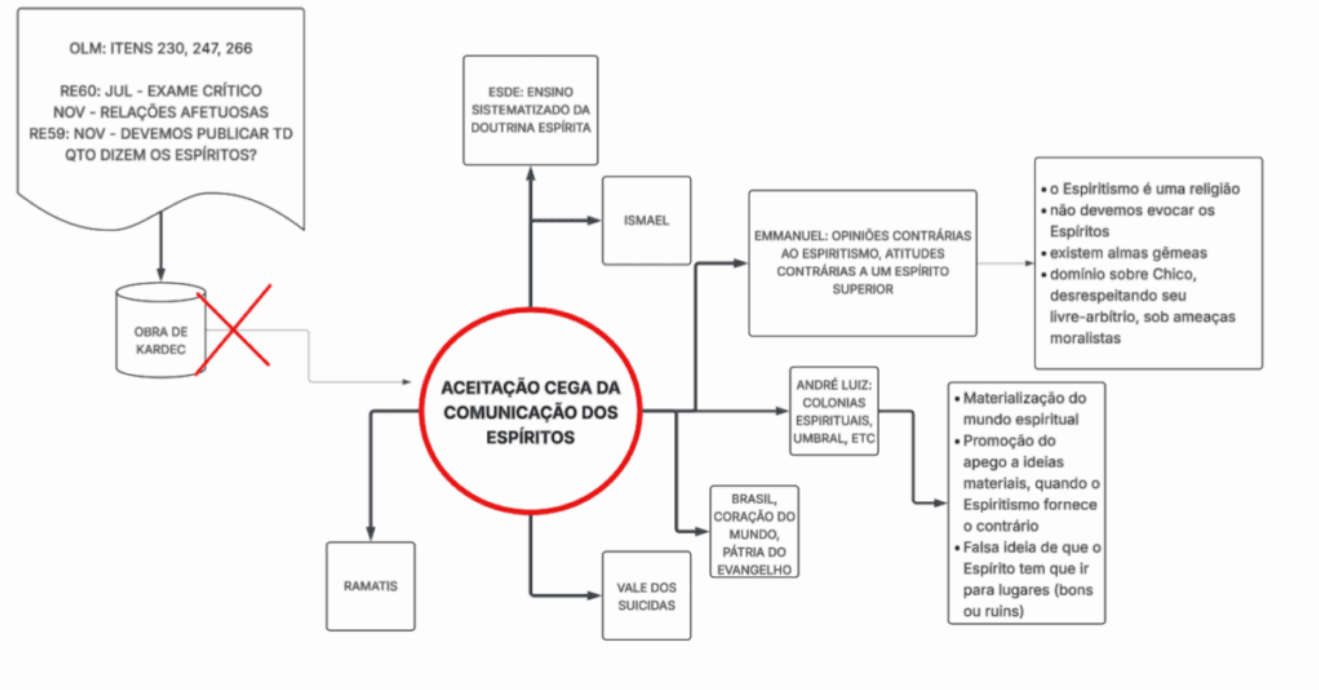
8. Hospitais espirituais
Afirmação comum: existem hospitais e enfermarias no plano espiritual, onde Espíritos “doentes” recebem tratamento médico.
Refutação: a dor espiritual é moral, não orgânica. Não há corpos a medicar, nem tecidos a regenerar. O chamado “tratamento” é assistência moral e esclarecimento, conduzido pela influência dos bons Espíritos e pela educação da vontade. As descrições de salas, leitos e instrumentos são traduções simbólicas da ação fluídica e pedagógica sobre Espíritos ainda presos às impressões da matéria. Conclusão: mito dos hospitais espirituais — derrubado.

Conclusão geral
A Doutrina Espírita, em sua base kardecista, é desmaterializadora. O mundo espiritual não replica o mundo físico: é campo de consciência, de moralidade e de afinidade vibratória. Kardec jamais consolidou a ideia de colônias, umbrais, hospitais ou economias espirituais — porque, diante da análise comparativa e racional, tais concepções não resistem. Insistir nelas é abandonar a observação e retornar ao materialismo sob forma de fantasia religiosa.

A Crise Metodológica do Espiritismo Pós-Kardec: Um Estudo Crítico a partir da Aceitação Cega da Comunicação dos Espíritos

Após a morte de Allan Kardec, o movimento espírita sofreu um deslocamento metodológico decisivo. O exame crítico das comunicações, a evocação controlada e a comparação sistemática — fundamentos estabelecidos na Codificação — foram gradualmente substituídos por uma postura de aceitação irrestrita das mensagens mediúnicas. Esse processo abriu caminho para que concepções estranhas à Doutrina se consolidassem, transformando a ciência espírita em algo mais próximo de uma religião dogmática.

O percurso dessa transformação, suas causas e consequências, pode ser visualizado no esquema que se segue.



1. O Ponto de Partida: Kardec e a Metodologia Espírita

É fundamental compreender que Kardec **não criou o Espiritismo**, mas organizou suas manifestações em um corpo doutrinário coerente mediante **método científico**. Esse método baseava-se em:

- **Evocação direta dos Espíritos**, para testar a consistência das informações (cf. *O Livro dos Médiuns*, itens 230, 247, 266).
- **Comparação crítica de mensagens** recebidas em diversos lugares e por médiuns diferentes (*Revista Espírita*, artigos sobre exame e controle).
- **Submissão de todo ensinamento ao crivo da razão** (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, introdução, item VI).
- **Distinção entre opinião de Espíritos e princípios da Doutrina** (RE, novembro/1859: "Devemos publicar tudo quanto dizem os Espíritos?").

O que Kardec deixou foi **um método, não um dogma**. O Espiritismo, sendo fato da natureza, só se legitima quando submetido ao critério racional e científico. O abandono dessa diretriz abriu caminho para a aceitação indiscriminada de comunicações mediúnicas.

---

2. A Ruptura: Do Controle ao Culto

O diagrama marca essa ruptura com o símbolo do **X sobre a obra de Kardec**. Ao invés de seguir o método do exame crítico, parte significativa do movimento espírita passou a:

- Aceitar comunicações sem comparação ou controle.
- Tomar como "revelação superior" mensagens que, por Kardec, seriam apenas **opiniões particulares de Espíritos**.

- **Relativizar ou desprezar a evocação**, transformando-a em algo "proibido" ou "perigoso", em oposição direta à prática kardeciana.

Essa ruptura abriu espaço para um fenômeno perigoso: a **aceitação cega da comunicação dos Espíritos**, que se tornou o novo eixo do movimento.

---

3. As Consequências da Aceitação Cega

O diagrama evidencia diversos desdobramentos dessa postura acrítica:

3.1 Emmanuel

Apresentado como guia de Chico Xavier, Emmanuel introduziu noções que confrontam diretamente a Doutrina Espírita:

- Declaração de que o **Espiritismo seria uma religião** (Kardec definiu-o como ciência de observação e filosofia de consequências morais).
- **Proibição da evocação**, em contradição frontal com *O Livro dos Médiuns*.
- Ideia de **almas gêmeas**, rejeitada por Kardec.
- **Domínio sobre Chico**, impondo condicionamentos e ameaças morais, o que fere a liberdade de consciência.

3.2 André Luiz

A série de livros psicografados por Chico Xavier, atribuídos a André Luiz, criou representações como:

- **Colônias espirituais** (Nosso Lar).
- **Umbral** como região intermediária.
  Esses conceitos **materializam o mundo espiritual**, estimulando apego a construções espaciais e institucionais, quando Kardec deixou claro que o Espiritismo aponta para a **desmaterialização progressiva da**

existência espiritual.

3.3 Ramatis

Introduz comunicações recheadas de teorias esotéricas, misticismo e previsões catastrofistas, sem correspondência com o método kardeciano. Sua aceitação deriva da mesma lógica: qualquer Espírito comunicante seria fonte de verdade.

3.4 Vale dos Suicidas

Obras como *Memórias de um Suicida* reforçam a noção de "lugares fixos" no além, de caráter punitivo ou reformatório, em contradição com a ideia de que **o estado espiritual é reflexo íntimo da consciência, não de geografias metafísicas**.

3.5 Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho

Obra atribuída a Humberto de Campos (sob inspiração de Emmanuel), que apresenta o Brasil como nação predestinada espiritualmente. Essa concepção reforça um **nacionalismo místico**, estranho à universalidade do Espiritismo.

---

4. O Papel do ESDE

O **Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE)**, embora estruturado com boas intenções pedagógicas, reflete a consolidação dessa ruptura. Ao adotar como base não apenas Kardec, mas também obras mediúnicas pós-Kardec (Emmanuel, André Luiz, etc.), o ESDE institucionaliza o afastamento do critério crítico e instala o **ecletismo acrítico**.

Resultado: as novas gerações de espíritas passaram a considerar como "doutrina espírita" aquilo que é apenas opinião de Espíritos, reproduzindo a **aceitação cega**.

---

5. Problemas Doutrinários Decorrentes

O diagrama lista os efeitos concretos desse desvio:

- **Materialização do mundo espiritual**: concepção de colônias, cidades, hospitais, prisões — reflexo de projeções humanas.
- **Promoção do apego a ideias materiais**, quando o Espiritismo tem por missão justamente **libertar da materialidade**.
- **Falsa ideia de destinos geográficos do Espírito** (lugares bons ou ruins), substituindo a compreensão de que o "céu" ou "inferno" são estados da alma.

---

6. A Substituição da Crítica pelo Dogma

O diagrama mostra, em última instância, como o movimento espírita passou:

- Do **exame crítico** (Kardec, 1857–1869),
- Para a **aceitação cega** (pós-Kardec, especialmente no Brasil).

Esse processo transformou a ciência espírita em **religião institucionalizada**, com dogmas, moralismo e submissão a "guias espirituais" não testados pelo método original.

---

7. Conclusão: Restauração da Metodologia Espírita

A mensagem central do diagrama é clara:

- Enquanto a obra de Kardec permanecer afastada como critério, o Espiritismo viverá sob o domínio da aceitação cega.
- O retorno ao método kardeciano de **exame racional, evocação crítica e universalidade do ensino dos Espíritos** é a única via de preservação do Espiritismo como ciência de observação.

O diagrama, portanto, não é apenas uma crítica histórica, mas um chamado à restauração metodológica: **sem crítica, o Espiritismo se dissolve no misticismo; com crítica, mantém sua identidade científica e filosófica.**

O Desvio do Espiritismo Após Kardec: Da França ao Brasil, e o Resgate da Autonomia

O Espiritismo, conforme codificado por Allan Kardec no século XIX, surgiu como uma **ciência filosófica com consequências morais**, não como uma religião dogmática ou uma seita. Sua base fundamental estava no **Espiritualismo Racional**, um movimento moderno que utilizava a metodologia científica para compreender o ser humano como alma encarnada e desencarnada, buscando a fé raciocinada em oposição à fé cega e ao materialismo. Essa abordagem visava a **revolução moral e a renovação social** da humanidade, pautada na moral da liberdade e da autonomia intelectual.

Kardec previu os desafios e desvios que sua obra enfrentaria, organizando preciosos arquivos para que a verdadeira história pudesse ser contada no futuro. No entanto, após sua morte em 1869, o Espiritismo sofreu um **terrível golpe** que alterou profundamente seus fundamentos, tanto na França quanto, posteriormente, no Brasil.

O Desvio na França Pós-Kardec

Logo após o desencarne de Allan Kardec, em 31 de março de 1869, o movimento espírita francês foi alvo de uma **invasão e descaracterização**. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas foi afastada e a **Revista Espírita** foi tomada pelos inimigos invisíveis e por mãos consideradas amigas.

Uma das manobras mais graves foi a **adulteração das obras fundamentais** de Kardec. Documentos oficiais franceses comprovam que a **quinta edição de "A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo"**, publicada em dezembro de 1872, mais de três anos após a morte de Kardec, contém mais de uma centena de modificações, supressões e adições de conteúdos. Entre as alterações mais significativas, está a **retirada da teoria da conquista progressiva do livre-arbítrio** e a **implantação da ideia de um corpo fluídico de Jesus**. Da mesma forma, **"O Céu e o Inferno"** sofreu alterações profundas em sua quarta edição (1869), publicada *post mortem*, com supressões e acréscimos que invertiam os conceitos morais sobre a justiça divina. Outras obras como **"Obras Póstumas"** e o **"Catálogo Racional"** também foram adulteradas.

Essas adulterações foram orquestradas pela **Sociedade Anônima da Caixa Geral e Central do Espiritismo**, criada após a morte de Kardec com fins lucrativos e que se apropriou dos direitos sobre as obras e a Revista Espírita.

O advogado **Jean-Baptiste Roustaing**, de Bordeaux, publicou em 1866 a obra **"Os Quatro Evangelhos"**, que se apresentava como uma "revelação da revelação". Roustaing propunha o Espiritismo como uma **religião formal**, com dogmas como a "queda do espírito" e a reencarnação como castigo divino, além da tese de um corpo fluídico para Jesus, diametralmente oposta à doutrina de Kardec. Kardec criticou abertamente essa obra, apontando sua precipitação e suas divergências com a universalidade do ensino dos Espíritos. **Pierre-Gaëtan Leymarie**, administrador da Sociedade Anônima, desempenhou um papel crucial na divulgação das ideias roustainguistas e na adulteração das obras de Kardec.

Apesar do golpe, **pioneiros fiéis** como Amélie Boudet (esposa de Kardec), Berthe Fropo, Léon Denis, Gabriel Delanne e Henri Sausse, lutaram contra esses desvios. Eles fundaram a **União Espírita Francesa** e seu jornal, *Le Spiritisme*, para denunciar as adulterações e defender a integridade da doutrina original.

O Desvio no Brasil e a Ação de Canuto Abreu

Enquanto o roustainguismo declinava na França, ele encontrou um **terreno fértil no Brasil**. A forte tradição católica e a falta de conhecimento sistematizado de assuntos religiosos entre a população brasileira tornaram-na suscetível a uma doutrina que se apresentava como um meio-termo entre a razão de Kardec e os dogmas do Velho Mundo.

Inicialmente, a maioria dos espíritas cariocas no final do século XIX buscava aplicar o Espiritismo de acordo com os preceitos de Kardec, com uma visão moral baseada nas ciências filosóficas e na autonomia moral. No entanto, um pequeno grupo de roustainguistas, que se consideravam dissidentes da Sociedade Acadêmica, fundou a **Sociedade Espírita Fraternidade** e o **Grupo Sayão** (ou Grupo dos Humildes) no Rio de Janeiro.

A **Federação Espírita Brasileira (FEB)**, fundada em 1884, que inicialmente aludia a um caráter progressista e ao estudo das obras de Kardec, acabou sendo influenciada pelo roustainguismo. Em 1902, "Os Quatro Evangelhos" de Roustaing foi preferido ao "O Evangelho segundo o Espiritismo" nas sessões de estudo da FEB, sob o argumento de ser uma "revelação completa". A revista **"Reformador"**, que inicialmente tinha uma tendência laica e livre-pensadora, passou a ser usada para divulgar as ideias roustainguistas.

Bezerra de Menezes, após se tornar espírita, alinhou-se aos grupos roustainguistas, defendendo a ideia de que "Espiritismo é religião" e que se deveria seguir a obra de Roustaing, o que era um retrocesso em relação ao Espiritualismo Racional. Ele se tornou um patrono da FEB. A obra **"Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho"**, psicografada por Chico Xavier, foi utilizada pela FEB para tentar legitimar a inclusão de Roustaing como um dos missionários que auxiliaram Kardec na "organização do trabalho da fé", o que foi contestado pela incineração de originais e por estudiosos como Herculano Pires.

O pesquisador brasileiro **Silvino Canuto Abreu** (1892-1961) teve um papel fundamental na denúncia desse desvio. Após uma profunda pesquisa na França e no Brasil, ele constatou as grandes diferenças entre as propostas humanitárias de liberdade de Kardec e o panorama religioso formal e dogmático do movimento espírita observado na FEB no início do século XX. Canuto Abreu dedicou sua vida a reunir milhares de documentos, manuscritos originais de Kardec e depoimentos

de pioneiros, que se tornaram um acervo inestimável para a recuperação da história original do Espiritismo. Suas denúncias, como o artigo inédito "O Espiritismo e as religiões" de 1934, permaneceram ocultas por 85 anos, mas eram cruciais para compreender como o "tradicionalismo retrógrado fundamentado na tradição mística" se ampliou no movimento espírita brasileiro.

O Papel do Espiritualismo Racional

O **Espiritualismo Racional** foi o contexto cultural e filosófico que preparou o caminho para o surgimento do Espiritismo na França. Ele se estabeleceu como filosofia oficial na universidade francesa após 1830, reagindo ao ceticismo materialista e ao dogmatismo religioso. Pensadores como Victor Cousin, Jouffroy e Paul Janet, que publicavam pela Livraria Acadêmica de Pierre-Paul Didier, defendiam uma **moral laica da liberdade e do dever**, baseada na concepção psicológica científica do ser humano, e lutavam por liberdades de pensamento, consciência e moral. Kardec, discípulo de Pestalozzi e já adepto do Espiritualismo Racional, classificou o Espiritismo como um **desenvolvimento do Espiritualismo Racional**.

A maioria dos espíritas da época de Kardec era proveniente do Espiritualismo Racional, já possuindo uma compreensão da autonomia moral e dos estudos psicológicos. No Brasil, entretanto, a corrente espiritualista racional, liderada por Gonçalves de Magalhães e Porto-Alegre, apesar de ter influenciado professores e estudantes, foi logo silenciada e esquecida, impedindo que o Espiritismo encontrasse o mesmo cenário favorável que na França. A falta desse alicerce tornou o movimento espírita brasileiro mais vulnerável às ideias heterônomas e dogmáticas, como o roustainguismo.

Conclusão: O Reencontro Necessário

O desvio do Espiritismo após a morte de Kardec, tanto na França quanto no Brasil, resultou na **distorção de sua natureza original como ciência filosófica e moral para uma seita religiosa com dogmas e hierarquias**. A restauração da verdade histórica e doutrinária, empreendida por pesquisadores como Canuto Abreu e Simoni Privato Goidanich, é um passo essencial para que o Espiritismo possa, de fato, cumprir sua **finalidade de elevar intelectual e moralmente a humanidade**, conforme a visão de Allan Kardec e dos Espíritos Superiores. O retorno à **fé raciocinada**, à universalidade do ensino dos Espíritos

e à moral autônoma é crucial para que a doutrina continue seu progresso e se liberte das amarras do passado.

Bibliografia

. **Autonomia: A História Jamais Contada do Espiritismo**

2. **Muita Luz (Beaucoup de Lumière)**, de Berthe Fropo

3. **Mesmer: A Ciência Negada e os Textos Escondidos**

4. **Nem Céu Nem Inferno: As Leis da Alma Segundo o Espiritismo**

5. **O Verbo e a Carne: Duas Análises do Roustainguismo** (ou apenas **O Verbo e a Carne**)

6. **O Legado de Allan Kardec**

7. **Ponto Final: O Reencontro do Espiritismo com Allan Kardec**

8. **Revolução Espírita: A Teoria Esquecida de Allan Kardec**

9. **O Primado de Kardec**

Quando o Espiritismo se desfigura

O Espiritismo nasceu sob o signo da razão, da observação metódica, da comparação rigorosa e da humildade diante da verdade. Kardec deixou claro, em cada linha, que **o maior inimigo da Doutrina seria a vaidade humana, a intromissão das paixões pessoais, a contaminação por crenças místicas e a recusa em submeter as comunicações e os médiuns à crítica séria**. E, no entanto, é justamente isso que tem se infiltrado nos centros e grupos que se dizem espíritas.

Não são poucos os que transformam a mediunidade em espetáculo, que fazem de

suas percepções pessoais uma espécie de oráculo intocável, e que reagem com **melindre** a qualquer tentativa de exame. Mas é preciso repetir, sem medo: **o médium não é dono da mensagem**. O instrumento não pode confundir-se com a obra. Quando o orgulho ocupa o lugar da humildade, quando o egoísmo fala mais alto do que o dever, o Espiritismo se desfigura, tornando-se uma caricatura de si mesmo.

Mais grave ainda é a substituição do estudo sério das obras de Kardec por romances e fantasias. Muitos preferem os enredos novelescos que massageiam a imaginação, em vez de enfrentar a disciplina da leitura densa, da comparação dos fatos, da análise crítica. Assim, confundem emoção com conhecimento, espetáculo com ciência. O resultado é um espiritismo frágil, vulnerável, incapaz de resistir às críticas, incapaz de produzir frutos duradouros.

Não há ciência espírita onde não há controle, onde não há observação metódica, onde não há coragem para rejeitar o erro, por mais sedutor que pareça. Kardec advertiu que os Espíritos enganadores exploram justamente o orgulho, a credulidade e a vaidade dos homens. Onde falta vigilância e espírito crítico, é inevitável que mistificação e ilusão se instalem.

É duro reconhecer, mas necessário: o Espiritismo não se sustenta em grupos que se fecham em torno de personalismos, que não aceitam correção, que confundem autoridade moral com infalibilidade. O verdadeiro espírita, dizia Kardec, é aquele que reconhece suas próprias imperfeições e luta para combatê-las. Quando vemos exatamente o contrário — orgulho, egoísmo, melindre, vaidade — é sinal de que algo essencial se perdeu.

O Espiritismo só permanecerá fiel a si mesmo se soubermos ter a coragem de encarar esses desvios, não para apontar dedos, mas para resgatar a seriedade da Doutrina. Não se trata de ferir, mas de lembrar: se nos dizemos espíritas, é à ciência espírita que devemos fidelidade, e não às nossas preferências pessoais. **O Espiritismo não nos foi dado para ser moldado às nossas paixões**; foi-nos dado para nos libertar delas.

O que Kardec desejava para o futuro do Espiritismo: Organização, Unidade e Colaboração

Quando Allan Kardec lançou O Livro dos Espíritos em 1857, ele fundou uma nova doutrina e estabeleceu as bases para uma ciência que estuda fenômenos espirituais. Kardec visava um futuro de colaboração, alertando sobre os perigos da centralização e defendendo uma estrutura descentralizada. Descubra como suas ideias ainda ressoam e como podemos retomar esse legado para manter o Espiritismo fiel ao seu espírito científico e moral.